



Natureza Medial

Um ensaio sobre o estado de deriva
e imaginário da infância selvagem

Madá



Universidade de Brasília

Instituto de Artes - IdA

Curso de Bacharelado em Artes Visuais

Amanda Maria Granja

Trabalho de conclusão do curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Artes Visuais, na Universidade de Brasília, sob a orientação do Professor Doutor Geraldo Orthof.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho busca traçar uma narrativa que conecte minha origem no Recife com a minha vivência atual em Brasília e na Chapada dos Veadeiros. Busco, no imaginário da infância, a conexão com a natureza e as ideias esotéricas, navego por múltiplas linguagens artísticas, experimento e exploro com recursos naturais e com materiais afetivos que recolho em meu caminho, alimentando um inventário pessoal que espera para ser transformado em obra.

É no equilíbrio tênue entre o abstrato e o concreto, o natural e o sintético, o velho e o novo, o esquecido e o eternizado, que me debruço para imaginar, projetar e executar a obra. Minha produção é uma forma de diálogo com a natureza e com a criança que habita em cada um de nós, as obras evocam questões ambientais e humanas vestidas de simbolismo, e apresentam dissonantes elementos que se sobrepõem de forma a revelar as contrastantes essências que habitam em todas as coisas.

Um protesto e uma súplica por um olhar proeminentemente selvagem e não prático, um resgate a uma linguagem obliterada, uma linguagem imagética, uma linguagem simbólica que enlaça o mundo rúpico e a realidade anímica, configurando uma ponte entre céu e terra narrado por um olhar artístico.

RESUMO

O objetivo deste diário é apresentar e desdobrar meu processo de criação, destrincho subjetivamente elementos que considero essenciais ao esboçar um relato de artista que propõe o resgate do nosso lado selvagem e cru. Apresento uma visão peculiar, particular e até mesmo distorcida (talvez) de uma arte que busca inspiração na Natureza e no imaginário que nos rodeia e nos absorve em um processo de deriva constante, buscando incessantemente uma terra firme onde se fincar.

Este ensaio processual não segue uma forma linear ou regrada, e sim, um discorrer que se liberte das amarras temporais ao desenvolver um ninho, um pequeno multiverso com poesias, registros, desenhos, escritas e devaneios acerca dos temas suscitados por toda a profusão construtiva da minha obra, refletindo sobre o resgate de algo mais primitivo, selvagem e essencial. Levanto a importância de fatores-chaves como o descaso perante ao que nos nutre, a preocupação com o esvaziamento e, me arriscando a ser contraditória, pela saturação dos sentidos.

Ofereço um convite para se permitir inspirar pelo que é natural e pela audácia de se contaminar com traços humanos subjetivos.

a-método, diário de bordo, relicário, coleta.

maquinário

- 1
_____ *pág.01* De quem é o mundo - *pág.12*
- 2
_____ *pág.12* O epípeto da Lei é Natureza
- 3
_____ *pág.33* O modus operandi da vida é selvagem
- 4
_____ *pág.44* Na roda do mundo rasgo e morro como uma criança
- 5
_____ *pág.63* A esturdia, o quimerismo e a dissolução
- 6
_____ *pág.71* É pela rachadura que a luz entra
- 7
_____ *pág.80* Coletando fragmentos

NOTA DE PARTIDA:

deixar o livro ser aquilo que ele é, não o que você quer que ele seja.

DE QUEM É O MUNDO



O mundo está vagando
Tórrido viver incrustado de verdades tolas
Cosmopolitas transgênicos afogados no câncer de uma nova era
Respaldados por caixas plásticas
Um viver com lividez que me da asco
Utopia científica se torna distopia anti natural
Para onde foram todos os cantos? Quando perdemos a cor?
Por que enterraram a fogueira e todos os seus contos?



Rei de mil olhos e nenhum valor

Segundo o Bhaghavaghita, vivemos em uma Hastinapura (cidade dos elefantes) onde existe um rei cego e outro virtuoso.

Temos duas escolhas primordiais dentro de um emaranhado de afluentes: podemos nos conectar com nossa essência nos aproximando do natural, ou podemos nos afogar dentro de um mar de sentidos distorcidos sendo levados pela maresia, sendo corroídos, enferrujados até nossa vida útil ser reduzida consideravelmente, fazendo de nós os reis cegos da história, ou melhor, reis de mil olhos.

Reformulo a simbologia do rei cego - aquele que não vê além, que perdeu a visão, a conexão com o divino, que não sabe guiar nem a si, nem seus súditos - para um rei que na verdade possui tantos olhos que ficou desorientado com a supremacia da visão. Creio que esta formulação faça mais sentido para os dias atuais em que estamos tão cheios de informação que acabamos perdendo contato com os outros sentidos que nos fazem selvagens.

A ditadura da visão dá-se pela saturação de informações visuais e intelectuais, não nos importamos mais com o *sentir* e *ser*, mas com o que aparentamos e sustentamos intelectualmente. Essa configuração científica, fast food e capitalista nos envolve em um invólucro de pós-verdades desconexas, de perda de valores e saturação de sentidos. Nos maquinizamos - como prescrito no "Manifesto Ciborgue" de Donna Haraway - , apenas cremos quando vemos e quando a ciência legitima como verdade, mesmo esta mesmo se contradizendo desde o dia de seu nascimento.

Este evento contemporâneo inaudível que nos consome como uma doença que cresce desordenadamente, se volta contra o seu criador, afinal das contas, não é isso um câncer? Uma célula que quis ser mais que as outras, que rejeitou o seu próprio lar e se volta contra o corpo que a criou.

Em uma sociedade em que o produto se faz mais importante que a matéria-prima, não estamos voltando-nos contra nossas raízes e aquilo que nos nutre? Não sabemos mais da nossa história, nos esquecemos de nossos ancestrais, nos esquecemos de quem somos.



não é que deprecio a vida intelectual, mas esta quando desgarrada é superficial. Assim, a única coisa que desenvolvemos é a capacidade de pensar e de criar no plano mental: convertemo-nos em simples máquinas acumuladoras e processadoras de dados.

E depois, o que fazemos com esses dados?



ME BUSCO CEGA PARA VER

Para onde olhar quando o caminho é cego?
Fora da supremacia do olho, você sabe quem és?

Me desloco desse primado retiniano; fujo do enxergar para
conseguir ver

 Não quero mais saber desses olhos que fitam
Fitam
procurando um mapa, uma resposta, um julgamento

Onde está o escuro?

Me abrigo nos pequenos cantos onde não chega luz
Permito que a escuridão me abrace para reaprender a sentir o
toque,
os cheiros,
o gosto
e o som do invisível

Eu creio para ver.

Toupeira de nariz-de-estrela

No mundo subterrâneo em que vive esta toupeira, a visão é um sentido inútil – em vez disso, sente as suas presas a pulsar no mundo

no escuro que vejo

ausência como propulsora da memória e conseqüentemente da criação

perdi alguma coisa que me era essencial e que já não me é mais

da virtude que se apequena

aquecimento global não apenas na Terra mas do nosso ânimo.

Noite escura

Não pode ser fantástica ilusão

a pele faz questão de reincidir o que a mente devora

o esvaziamento chega com mais uma ronda

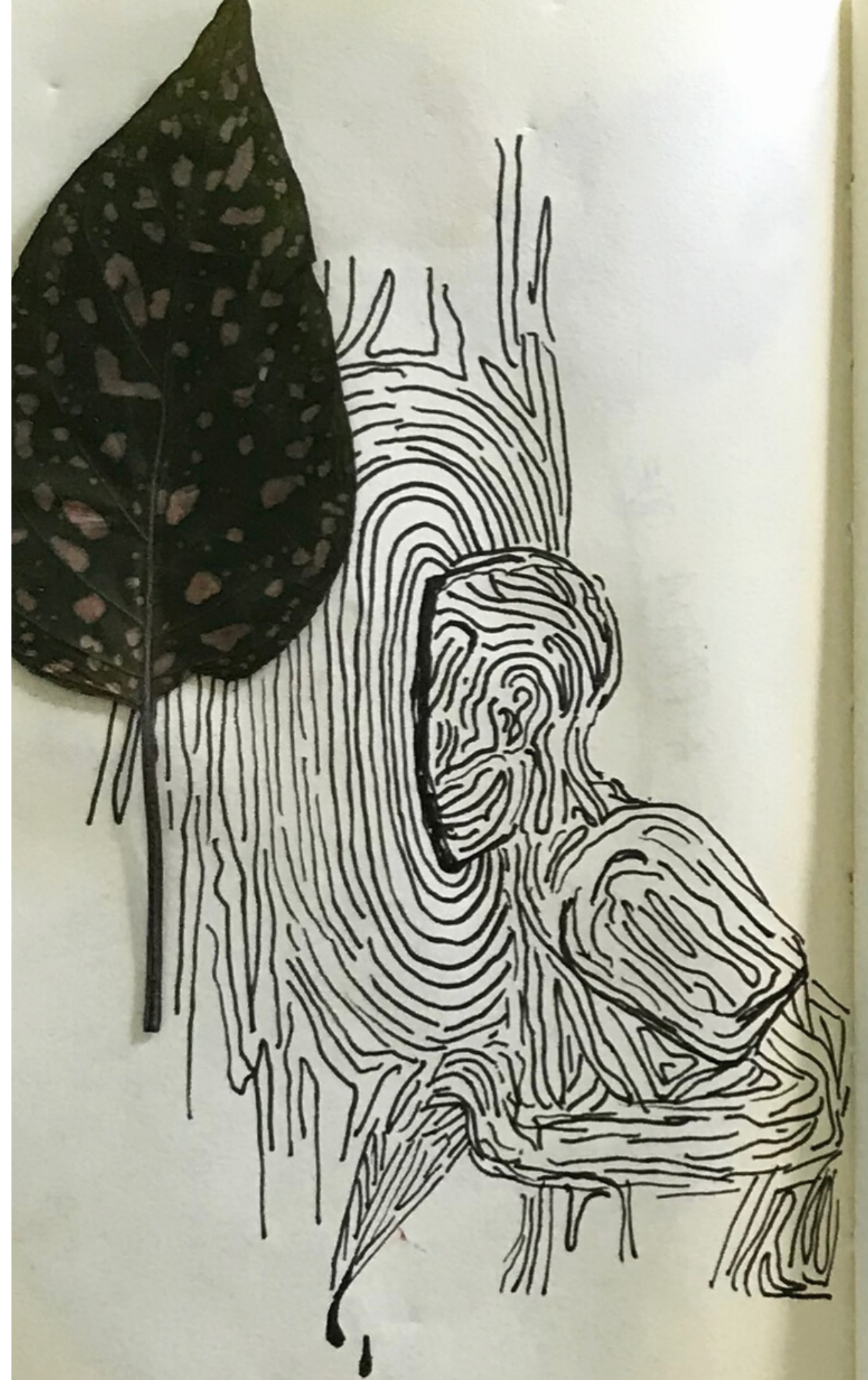
varre de mim a poeira que fiz questão de cultivar

**que tipo de pessoa manda no próprio nariz em circunstâncias
de carência de rosto?**

escrever é o meu recurso de traição

traição minha comigo

traição que rasga por dentro sem ter ninguém a quem culpar



o papel tudo aceita

danço para espantar os males
escrevo para trazê-los para perto de mim

ja virou hábito acordar e olhar para o lado procurando sentidos
nunca gostei de hábitos

Sou grande por obedecer a lei da natureza e não a dos homens
Vivemos cegos de pronomes,
que não expressam nada além de mentiras colonizadas de uma matéria menos densa do que se imaginava
Meu corpo não é definitivo nem eterno, mas através dele, minha alma é tratada
e me movo a conhecer a natureza do verso que me eleva

Eu sonhei que o logos volatiza;
Sonhei que os espelhos; **nada**; revelam
Refletem a incerteza do passageiro
Que **nega** devoção à Terra

O EPÍPELO
DA LEI É
NATUREZA



*"Ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as entranhas do
inescrutável do que o sentido da terra"*

Friedrich Wilhelm Nietzsche - "Assim falava Zaratustra"

Refine sua capacidade de perceber o mundo
Apure a Visão
Sinta as sutilezas das leis naturais
Escute todos os ruídos e dance com eles



Invadindo o universo das formas naturais primárias e da construção do ser vivo

"Do centro à circunferência está aquele impulso radiante que se corporiza em um harmônico perfeito"

Sri Ram



Somos gotas que vieram do mar e se esqueceram de sua origem, que passeiam pelos ciclos se transformando repetidamente até um dia voltar para casa e se dissolver na imensidão, recordando de que sempre fomos, todos nós, oceano.

muitas vezes esquecemos que o percurso inteiro está dentro de nós, e de nada adianta tentar descobrir tudo, mais valioso é entender profundamente o pouco que importa. Embrenhando, abrimos nossos prismas, mudamos os ângulos, e com humildade, tentamos guardar reflexões que trazem sentido para nossa vida, tendo consciência de que tudo é efêmero, está em volúpia, e isso é Samsara, o movimento da vida.





Falar com as palavras da natureza é falar com as palavras do Logos.

Assim como as plantas,
podemos nos adaptar, reviver, aprender com os ciclos e ainda
compartilhar nosso poder com o mundo.







andar descalça

caminhar e respirar fundo
inspirando o confortante
cheiro de grama cortada

observar o orvalho das
manhãs frias e passar os
dedos sobre as folhas de
forma a reunir todas as
pequenas gotas em uma
grande e larga gota que
escorre pelas beiradas em
um atentado de fuga

Quando adentro um espaço natural, é como se eu tivesse encarnando a
minha criança interior, e ao moldá-lo, me sinto ordenando
elementos já presentes no local de maneira a fazer com que as pessoas ao se depararem com aquilo,
fiquem propícias a prestarem atenção e a contemplarem a natureza que, talvez,
antes pudesse passar despercebida.

Não importa que não dure, não importa que seja efêmero e volátil, desde que
em seu ápice, ela desempenhe o papel dela, o papel de atrair os olhares para a
simplicidade e abundância magna que a natureza apresenta.

Para onde a roda está apontando?



Uma maneira de comunicar com aquilo que se apresenta ao redor, uma forma de reverenciar a natureza, de presentear a maior das musas.

Natureza medial- aquela parte selvagem e sagaz da psique que também pode permear o mundo da alma e o mundo dos humanos



Todas as coisas no mundo objetivo são apenas um apoio das ideias da natureza

O conhecimento nos chega fragmentado porque não temos bagagem o suficiente para unir as pontas



quais são os valores aos
quais finalmente se
agarram os homens?
mutável e fugaz

dos flamejantes estandartes
da proto-história

a Natureza é a dimensão
insonora do invisível,
transpõe as barreiras
artificiais e une
naturalmente todos, sem
exceção

praticar o olhar **consciente** sobre uma visão simbólica, permitindo que tudo ao redor se torne possibilidade de aprendizagem e oportunidade de **afetação** para com o fluxo da vida.

No que pode morrer, não existe verdade?

eu sou uma grande mentira

O MODUS
OPERANDI
DA VIDA É
SELVAGEM



Quem não sabe uivar, não encontrará sua matilha

Um manifesto em defesa do selvagem,
do voltar a ser bicho

Capacidade de ler os arquétipos da natureza humana, de ler as forças contrárias que nos
regem

Extravasar minhas inquietações sobre a humanidade participando de um processo intenso em busca da sonoridade
do esturro felídeo

O som da nossa selvageria é a nossa verdadeira energia e suplanta todos os sons
físicos. Quando nos apegamos aos borbulhos artificiais, não podemos captar a nossa
sonoridade, acabamos reverberando o som produzido por nossas poses, perdendo
o contato com nós mesmos.

Para consolidar nossa própria sonoridade, precisamos nos ouvir, e encontrar
nossa harmonia particular. Nós somos criaturas de um planeta que está tentando
alcançar um nível de sutileza, e precisamos nos integrar com a Terra e suas entranhas, conhecer
seus padrões, para que possamos alcançar a libertação e a integração

Ser a célula que percebe que faz parte de um corpo.

"Nenhuma árvore cresce até o céu sem que suas raízes cheguem no inferno"

Carl Jung

Deixar cair

Descer ao submundo; me deitar com Lúcifer; dançar com Lilith

é na sombra que se ganha velocidade
cante para fora da gaiola

a vida é feita para gozar

O MODUS OPERANDI DA VIDA É
SELVAGEM

Podemos pintar o ciclo da corrente do vento selvagem na alma
Não se apequene para caber na linha, pois a vida é cíclica

Monto e desmonto um memorial de equívocos e de erros
para nesse relicário habitar o lugar e o não-lugar de quem sou

Que mania é essa de se querer fazer distante? Por que escolhi o
avião como refúgio? Como fui aprender a me enamorar da
turbulência e das coisas diminutas?
A distância também sente cheiro?

Sou falha e intempestiva como a selvageria
Me perco no ruído vicioso que me acorrenta a uma corrida inerte
Chego em um lugar apenas para dar meia volta

Tudo para deslizar a natureza sobre meu corpo
Pulando com pés atados a mata fechada
Re-volto para saber onde pisar

É espreitando o selvagem que vislumbro o angelical
o que está acontecendo nessa rua?



Já vi nascer fogo do chão

Se tens por que vir, tire os sapatos antes de entrar

Por milímetro cúbico molho sua escrita
nesta pequena gota, cabem todos os abismos

Se tens mãos leves, acaricie a nuca
Nela está acumulada todo o trabalho de Sísifo resvalando os
nossos dizeres

Copiosamente, salto
sempre caindo nos mesmos sons de um passado recente
Sinto o aprazível sentimento de tocar a campainha de casa,
está chovendo no salão

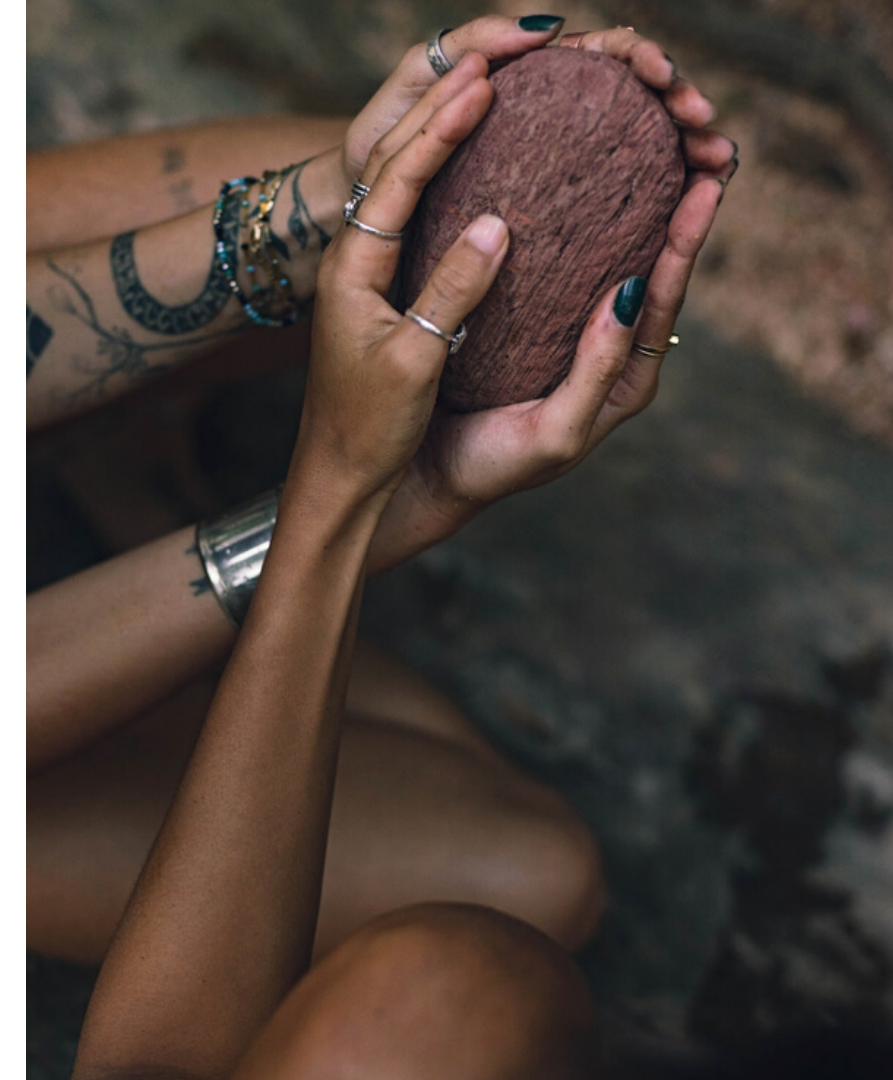
Voz de poço ecoando por todo o ambiente
revelando a geografia dos pontos, letras, não pontos e não letras
da sua
Silenciosa fala
 Quase pronúncia
que ecoou em looping na cabeça, mas que não se aventurou no
dizer

Deixe o som sair
Grite para o poço
Cante com seu eco.



Capturar éguas antropofágicas

lutar contra a dispersão, contra os pensamentos que nos devoram



Vivendo no ciclo da corrente do vento
selvagem da alma

Ela habita entre o mundo da realidade consensual e do inconsciente místico, fazendo mediação entre eles



O MODUS OPERANDI DA VIDA É SELVAGEM

Sentir o gosto da terra

Brincar de bicho e montar uma casa nômade

Ser quadrúpede

Escalar pedras e se esconder na mata



Cuidado para o seu pensamento não ser um ovo de cuco

NA RODA DO
MUNDO
RASGO E
MORRO
COMO UMA
CRIANÇA



Eu caio girando

Aqui nasce um convite para uma brincadeira

Deslizar no riso de um bambino, para encontrar os seres místicos que se escondem nos bosques

Se a nossa permanência é ilusória, por que não escolher viver dentro de uma bolha de sabão?

Mudar de escala para caber em todos os reinos

Conecte-se com sua criança interior em um salto que abrange todo o sistema solar

feche o Sol nas mãos, detenha por um instante a solaridade genuína da vida

Se transforme em planeta só para poder quebrar a órbita

Resgate o olhar puro e cativante

Se encante com sua capacidade de brincar com o tempo

de enganar o vazio

Se transforme em curupira e caminhe para trás até encontrar sua essência

Não se trata de impedir a renovação, não se trata de deter o progresso

as células do corpo sempre se renovam, mas o esqueleto se mantém

Saibamos cuidar do nosso esqueleto de criança

Se nunca estive aqui antes, como me lembro do que não vivi?

Buscar aventuras na ínfimas ações

encontrar moradia nos lugares inusitados
se fazer pequeno para caber nos microuniversos

fazer ode ao encantamento e entusiasmo
suspender as vergonhas
se catapultar



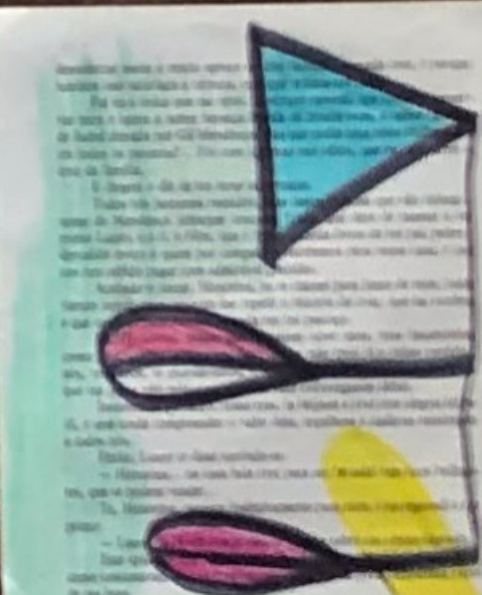
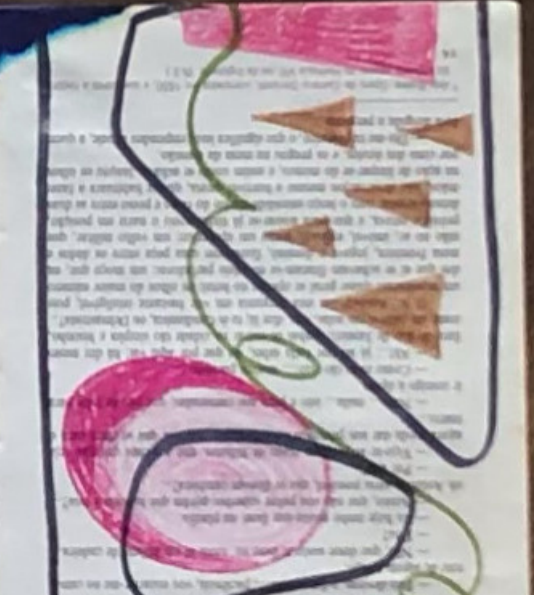
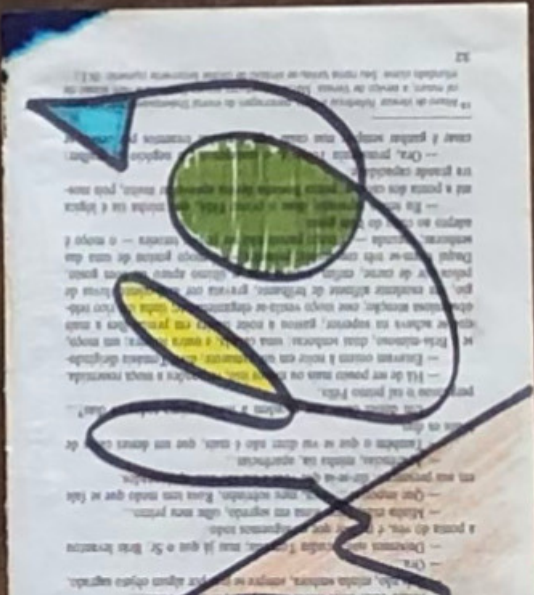
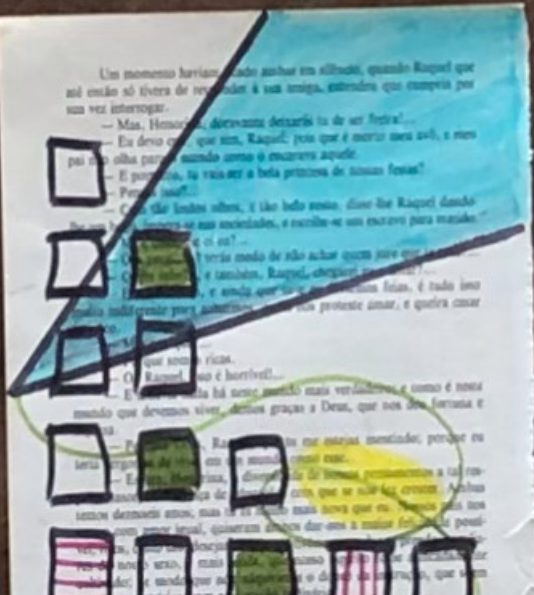
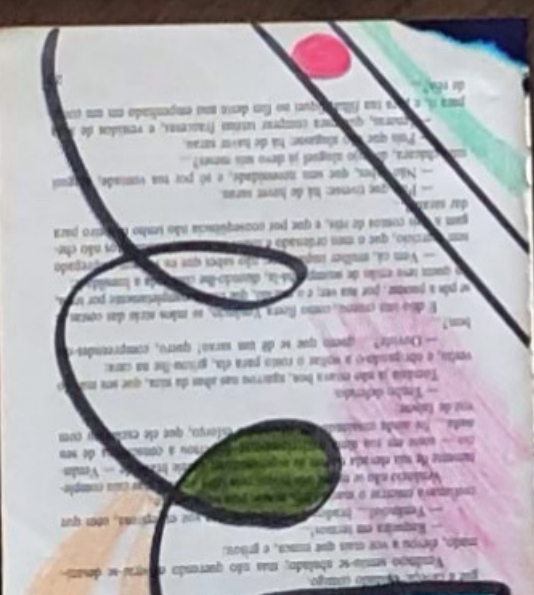
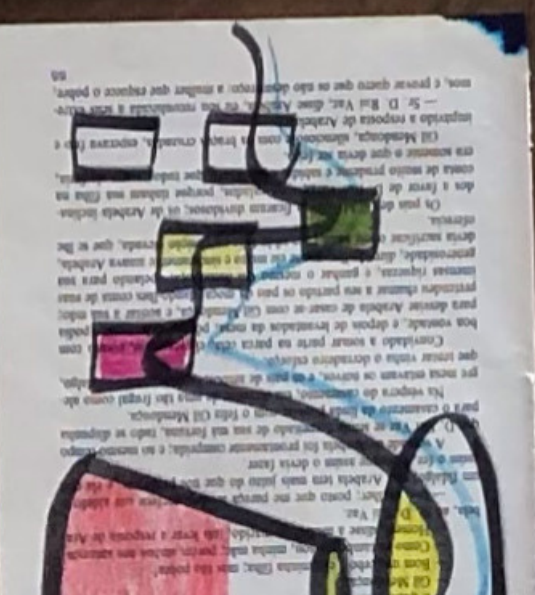
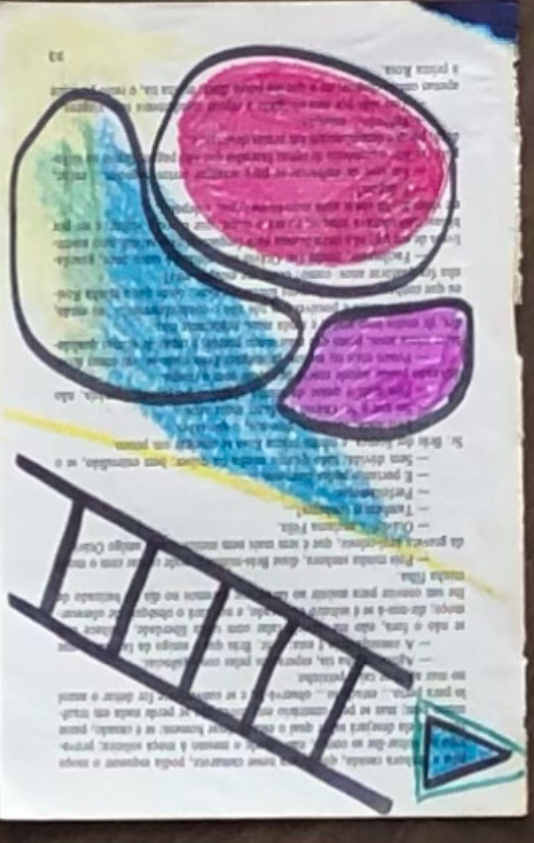
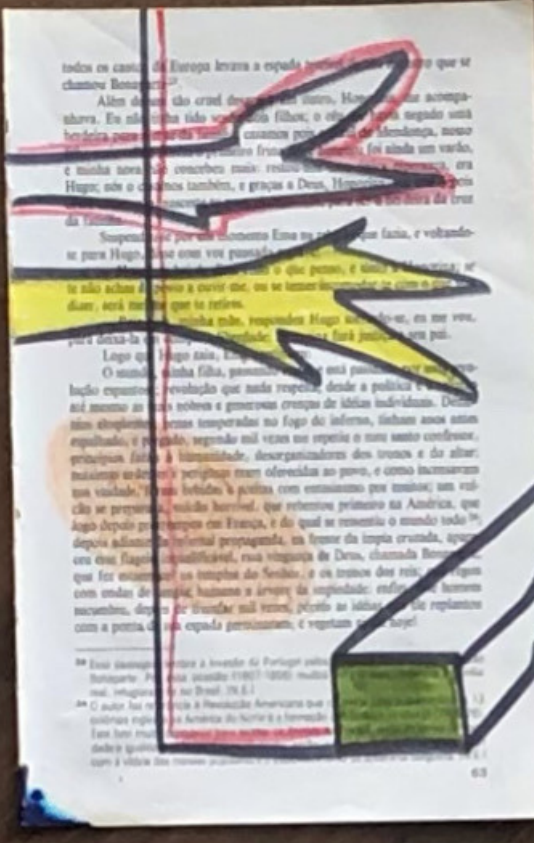
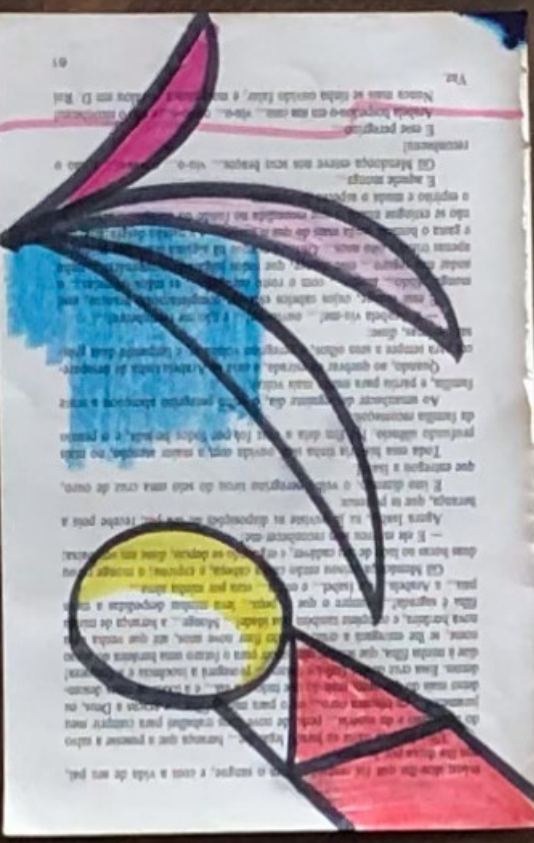
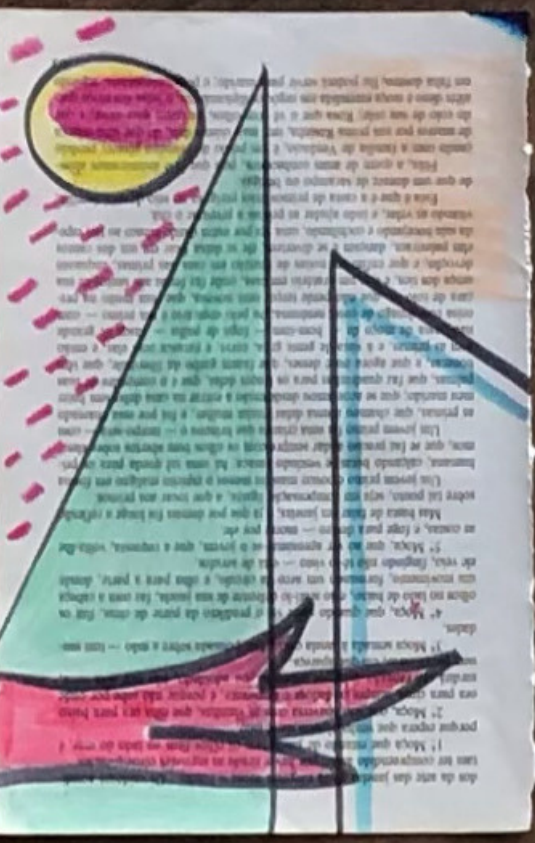
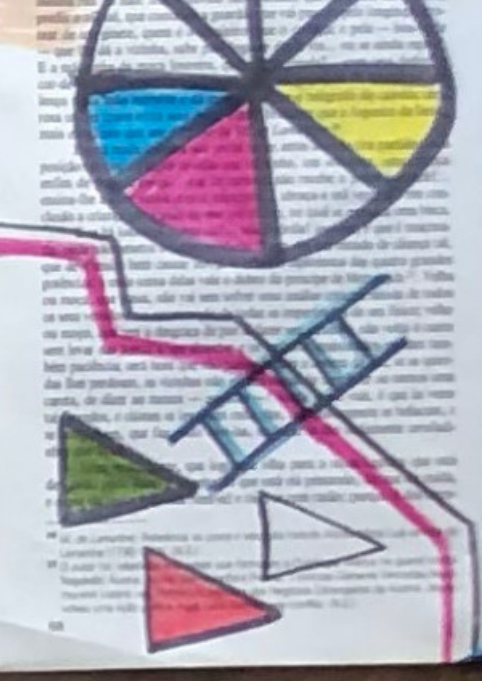
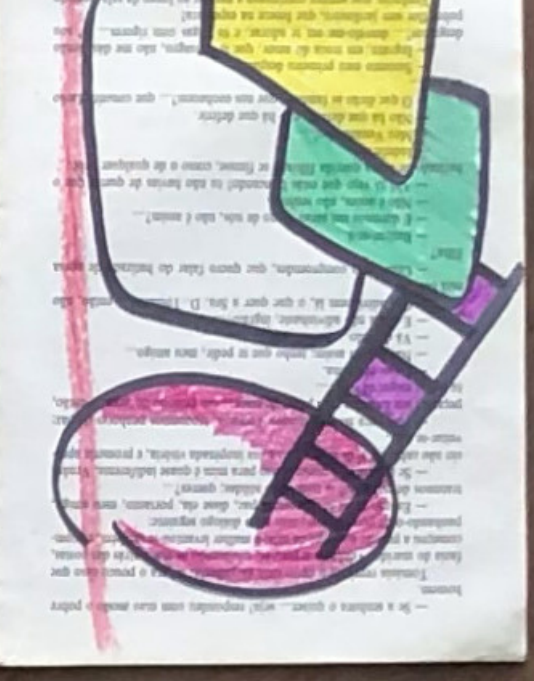
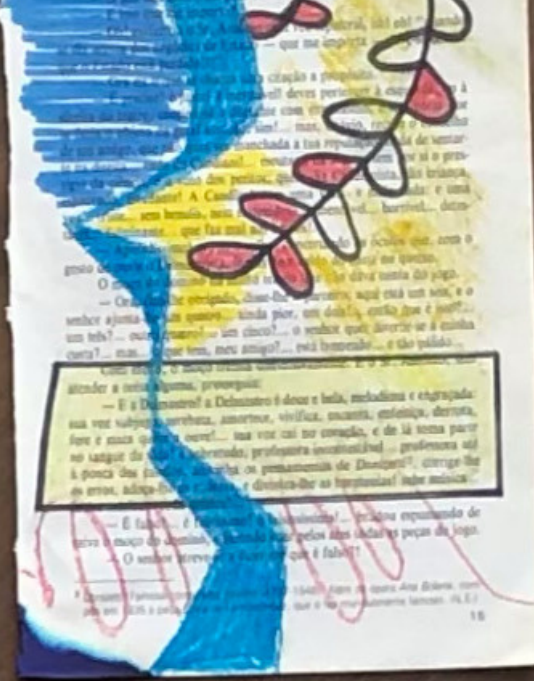
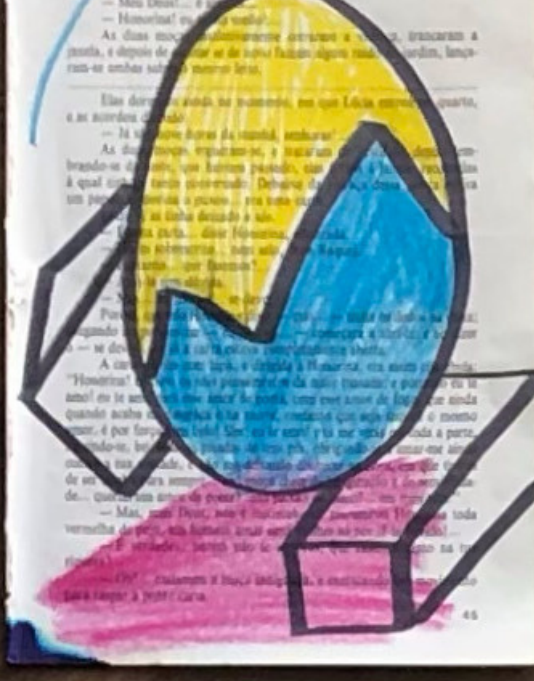
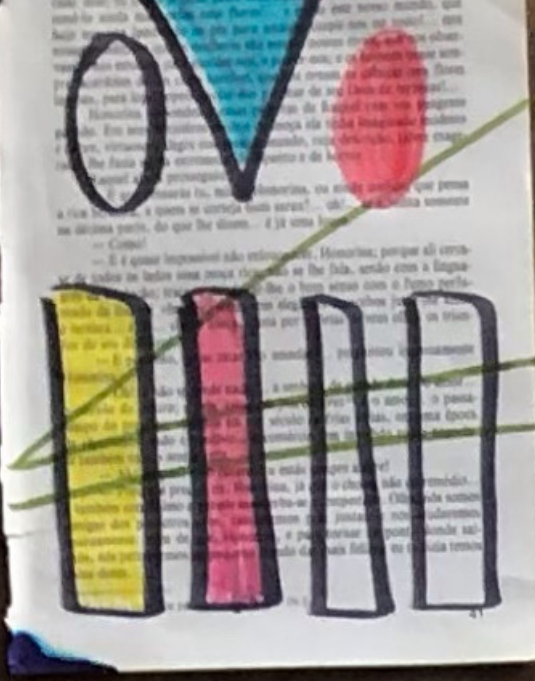
NA RODA DO MUNDO RASGO E
MORRO COMO UMA CRIANÇA

O tempo como criança gira como um catavento
não existe direita ou esquerda, apenas um giro desenfreado que
gira todas as cores existentes e não existentes

Em um giro, volto ao bosque onde ia caçar fadas
Em um giro, remonto o colar de rubis e pérolas que avistava nas
avenidas quando se fazia trânsito
Em um giro, sinto o gosto do melhor sanduíche do mundo, que só
era assim tão bom, porque tinha uma carinha desenhada com
azeitonas e uvas-passa
Em um giro sou criança de novo
e saio por aí, colhendo sementes.



Permita-se sonhar além do que você se limitou nessa vida toda



É no olhar de uma criança e nos conhecimentos infinitivamente limitados a cerca do esoterismo e da filosofia que o traço ganha **cor e forma**.



estrelas são pequenas brasas que subiram e grudaram no céu

certa vez um gigante chutou uma pedra e ela se tornou a Lua



me jogando na estrada.
na bolsa um livro, um
caderno e coragem de me
lançar

pintando meu céu com a
aquarela de Jobim e
lutando com São Jorge
defendendo meus dragões
esperando os continentes se
juntarem

construindo castelos de
areia imaginários

não se acostume com a borboleta azul
não banalize.



NA RODA DO MUNDO RASGO E
MORRO COMO UMA CRIANÇA

riscando o chão da minha infância



no caminho para casa faço questão de pisar nas folhas secas
libertando o som latente nelas que ressoam como um afago para os meus ouvidos
simultaneamente reflito sobre os céus, as pedras e busco uma conexão de tudo com o todo



guardar flores em livros e depois achá-las inusitadamente



transformar cada falha em brincadeira

Quantos anos você teria se não lembrasse da sua reencarnação?

A ESTURDIA,
O
QUIMERISMO
E A
DISSOLUÇÃO



Mergulhar profundo, mas ser menos denso que a água para flutuar

Traço o caminho da minha própria transmutação alquímica, escorrego do ponto de fuga daquilo que é estranho
para não morrer em meus sonhos

Já não posso dormir na vertical
preciso me sujar para saber onde limpar
Me visto de quimera para poder aceitar todas as minhas facetas

Sou como todo ser humano: um liquidificador de sentidos
busco incessantemente a perfeição sem sair da lama da contradição

Diluo todas as partes para não surtar dentro dos paradoxos.

TAO produz o um, o um compreende o dois e manifesta-se com três, **o três produz os dez mil seres**

A ESTURDIA, O QUIMERISMO E A
DISSOLUÇÃO

Não toco mais o limite do meu corpo
Sou invisível, estou em todos os lugares...

Onde cada desaguar se torna mar
o meu divagar dilui para me molhar no pousar
Não gosto de rimar... pero as vezes as palavras pedem para
chorar em monocórdio

O meu aguar já chegou a você?



me refazer em cada passo dado

Me lanço em um encontro de águas, costura de vivências e sonhos, fusão de água (matéria) e fogo (espírito),
pesquisa inacabada do lápis em torno do corpo orgânico da natureza.

que quimera você gostaria de ser?

tudo é reciclado, emulado, uma colagem. tudo que existe tem precedentes.
deixe o ATANOR digerir suas entranhas, regurgitando um novo ser

concentre-se tanto em um ponto até que ele **desapareça**

É PELA
RACHADURA
QUE A LUZ
ENTRA



Estado de epigênese

estado de deriva lãnguã

procurar a verdade incessantemente até ela se tornar uma mentira

muitas vezes a vida nos leva a caminhos inesperados
a mudança tá aí e quando a abraçamos podemos ser levados pelo fluir surpreendente de tudo

Me sinto vazada, a cada inspirada meu corpo afrouxa pingando
Molho o chão, molho o travesseiro, até para irrigar as plantas tem reservatório, anos e anos de
racionamento de choro, pôde-se dizer

O fim chega para um novo começo emergir

epigênese: refere à ideia de que o corpo ou o sistema é construído pelo
processo não pré-especificado ou planejado

o que significa essa pulsante luz no **horizonte**?

Partida com(partilha):

Gesto de ir ao encontro ou desencontro

Movimento que predestina o hiato entre os corpos

Miragem e solidificação, faces da mesma moeda

Habitando entre o mundo da realidade consensual e do
inconsciente místico, faço mediação entre a noite e o dia

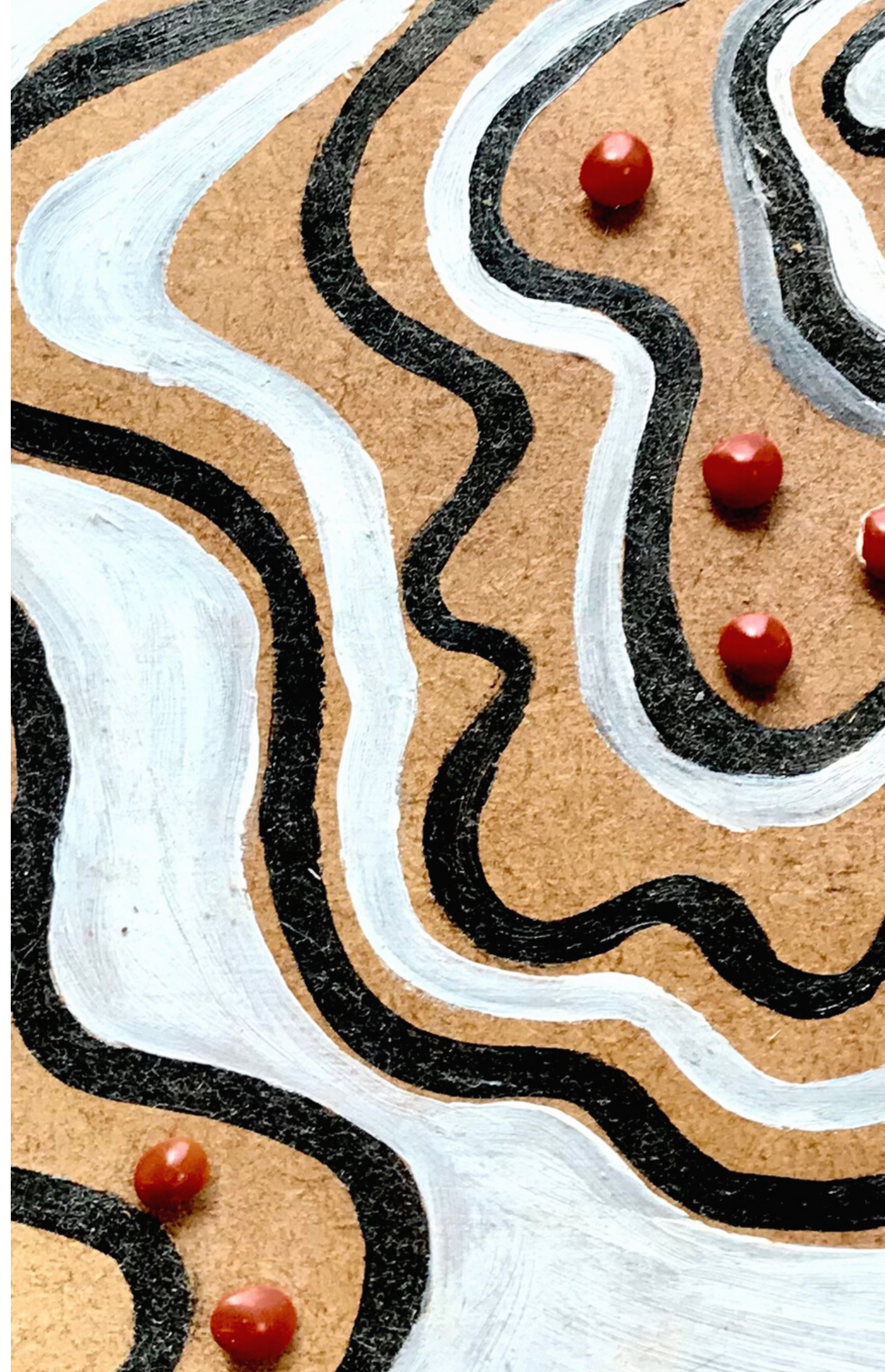
Partilho no caminho de acasos e desníveis
é na falha que reside a escolha

Inverto o ponto de visão
é pela imperfeição que me interessa

Salto quântico que permite que dois corpos habitem um mesmo
espaço;
Ilógico momento do instante presente que desmembra a mentira
da caminhada

REpenso
mas como REfazer algo que nunca realmente existiu?

Arigato Zaishō



Espreito as sombras em busca da luz que arde minha alma em chama sem fim, curando meu ser dormente com
rosa carmim



Manufatura divina de tecer a tapeçaria dos encontros, sabendo que
os laços nunca podem ser desatados

Romper a superfície é abrir um rio para dentro

O equilíbrio entre o imarcescível e o evanescente
Onde fica a rua que separa o efêmero do eterno?

Em qual hiato de tempo encontramos a labilidade estavelmente imortal?
Como capturar o escapar das garras do tempo, se suspendendo a ele, se atemporalizando em um céu de nuvens
que mudam de forma tão rápida quanto o soprar dos ventos



COLETANDO FRAGMENTOS



Caminhando como um dançarino

Caminhe buscando levitar
deixe as solas sentirem suavemente a textura do solo
atente o olhar
preste atenção aonde pisa

se camufle na natureza
se até uma mosca consegue imitar seu oponente e se disfarçar de aranha, porque não pode você
ser a figura que quiser?

Monte um relicário com as coletas mais ordinárias e as mais inusitadas
Faça uma obra sobre as lembranças que passam pela janela

Frenética
escolha cuidadosamente as pedras
deixe no caminho para colecionar apenas as mais belas



Colecione idéias
Germine uma vontade
Expanda um ponto
Escorra para dentro deste ponto
Seja intenção e acidente ao mesmo tempo.

Desmonto minha bagagem

Deixo-a vazia para caber todos as vírgulas da viagem

Saio correndo pelo milharal das minhas escolhas

silencio os meus agitados passos com o pulsar do batimento

giro

salto

caio

choro

levanto

enxugo as lágrimas

caminho lentamente

Entreaberta, me assumo como a peregrina coletora de

histórias sem tempo





Abuso da forma que me é dada
Por cima dela, desenho, escrevo
dobro e desdobro em possibilidades

recorto e empilho
mancho com minhas mãos a crueza perfeita

consumação imperfeita do casamento entre
o natural e o sintético



Muito do que nos tornamos são bagagens daqueles que vieram antes de nós.

Lembro-me das abelhas que voavam sobre as flores, as libélulas de cores diversas que enfeitavam o lago da chácara, do cajueiro localizado no meio do terreno.

Lembro-me de me sentir livre, em paz e verdadeiramente eu, de colecionar sementes até o momento em que elas apodreciam na minha caixinha de metal de brincar de nuvem e imaginar histórias através de seus movimentos lembro-me de sair à noite pro jardim para observar os sapos e seus coaxares

Todas essas histórias que eu vivi e respirei me trouxeram até aqui
Não há uma flor amarela que não me recorde minha avó, um vôo de abelha que não me faça ver meu avô, ou uma flor seca que não me arraste de volta aos livros de
minha mãe

Tudo o que vivi era e ainda permanece.

A sorte foi lançada, despertou?

Corre